

---

TEATRO

25, 26, 27, 28, 29, 30

SETEMBRO '07

SHALL WE

DANCE IV

---

Um espectáculo do Teatro Praga

***Culturgest***

Grupo Caixa Geral de Depósitos

TER 25 A DOM 30 SETEMBRO 2007 · ARMAZÉM DO HOSPITAL MIGUEL  
BOMBARDA · 21H30 · DURAÇÃO c. 2H00 COM INTERVALO · M/12

*Off the White, Hunting Scene e Geografias e Tratados* são espectáculos inseridos no **Ciclo de Duetos Shall We Dance**, que este ano realiza a sua 4.ª edição.

#### *Geografias e Tratados*

Projecto Sofia Ferrão e Nuno carinhas  
Interpretação Sofia Ferrão e Carlos Alves

#### *Off The White*

Paula Diogo e Alexander Kelly (Espectáculo parcialmente falado em inglês s/legendas)  
Com a colaboração de Mário Costa (operação de câmara em Lisboa), Christopher Hall (operação de câmara em Sheffield), Tracey Doxey (Third Angel Management)

#### *Hunting Scene*

Um espectáculo de Cláudia Gaiolas e Daniel Worm d'Assumpção  
Interpretação Cláudia Gaiolas  
Colaboração ALX e Pedro Carmo  
Confecção de Figurino Miss Suzie

#### Desenho de Luz Daniel Worm d'Assumpção

Registo de Vídeo André Godinho  
Direcção de Produção Pedro Pires  
Uma co-produção Teatro Praga, Culturgest, Espaço Do Tempo  
Residências Criativas O Espaço Do Tempo, Devir/Capa  
Estrutura Financiada por Ministério da Cultura/Direcção Geral das Artes

Agradecimentos Câmara Municipal de Lisboa, Departamento de Gestão de Espaços Públicos – Arq<sup>ª</sup> Paula Mâncio e Eng<sup>º</sup> Luís Marrão, Instituto Camões, Dra. Simonetta Luz Afonso e Dra. Maria João Pinto Correia, British Council, Dra. Rosemary Hilhorst e Steven Brett, Hospital Miguel Bombarda – Conselho de Administração e Comissão de Festas (Sr. António Seabra), Espaço do Tempo, cAPA – Centro de Artes Performativas do Algarve, Centro Cultural de Belém, José Valério, João Gonçalves, Filipe Melo, Clementine Baert, DataDisplay Portugal, Dra. Ana Teresa Almeida e Eng<sup>º</sup> Rogério Alves, Sara Figueiredo, Rúben Soares, Simão Cayatte, Catarina Castro, Magda Bizarro, Tiago Rodrigues, Patrícia Costa, Rachael Walton, Hilary Foster, Isobel Foster-Kelly, Jane Kelly, Michelle Hapetian, Ana Malheiro do Vale, Força Aérea Portuguesa, Coronel Carlos Macário, Tenente-Coronel Ferreira, Pragas...

#### Outras apresentações

3 e 4 de Outubro na Black Box do Espaço do Tempo (Montemor-o-Novo)  
16 e 17 de Novembro na Devir/Capa (Faro)

---

## INTRODUÇÃO

---

*Shall We Dance* é um ciclo feito em pequenas doses. Um motor para a exploração de complicitades. Uma operação a duas mãos para descobrir outras leituras e aceitar novos compromissos. Um elemento do Teatro Praga convida um “Estrangeiro” para colaborar consigo. E estes, juntos, convidam o público.

Dando seguimento ao ciclo iniciado em 2003, programámos em parceria com a Culturgest um *Shall We Dance* que pretende levar mais longe as condições arriscadas que a proposta deixa antever. Três elementos do Teatro Praga voltam a convidar três criadores para partilhar não apenas uma dança simples e descomprometida mas um território que se antevê povoado de escolhas difíceis, onde universos geracionais, linguísticos, intelectuais, culturais, políticos (e por isso artísticos) procuram os passos possíveis (e não os acertados) para três coreografias teatrais.

É como procurar no rádio uma qualquer música e de repente encontrar uma música qualquer. De que se gosta. Abana-se a cabeça, quase dançando, e antes de se dar por isso a música acaba.

Acreditamos que estes momentos são fundamentais para nós, porque nos baralham e nos apontam possibilidades. Sempre tivemos presente uma ideia de migração que atravessa, define e estrutura os percursos de quase todos nós.

# Geografias e tratados

de Sofia Ferrão e Nuno Carinhas

A partir de “Viagem” dos *Contos exemplares* de Sophia de Mello Breyner Andresen

“Não te dei, ó Adão, nem rosto, nem um lugar que te seja próprio, nem qualquer dom particular, para que teu rosto, teu lugar e teus dons os desejés, os conquistés e sejas tu mesmo a possuí-los. Encerra a natureza outras espécies, em leis por mim estabelecidas. Mas tu, que não conheces qualquer limite, só mercê do teu arbítrio, em cujas mãos te coloquei, te defines a ti próprio. Coloquei-te no centro do mundo, para que melhor pudesses contemplar o que o mundo contém. Não te fiz nem celeste nem terrestre, nem mortal nem imortal, para que tu, livremente, tal como um bom pintor ou um hábil escultor, dês acabamento à forma que te é própria.”

PICO DE MIRÂNDOLA

ORATIO DE HOMINIS DIGNITATE



© Lukas Felzmann

## Arte Poética II

“A poesia não me pede propriamente uma especialização pois a sua arte é uma arte do ser. Também não é tempo ou trabalho o que a poesia me pede. Nem pede uma ciência nem uma estética nem uma teoria. Pede-me antes a inteireza do meu ser, uma consciência mais funda do que a minha inteligência, uma fidelidade mais pura do que aquela que eu posso controlar.

Pede-me uma intransigência sem lacuna. Pede-me que arranque da minha

vida que se quebra, gasta, corrompe e dilui uma túnica sem costura. Pede-me que viva atenta como uma antena, pede-me que viva sempre, que nunca me esqueça. Pede-me uma obstinação sem tréguas, densa e compacta.

Pois a poesia é a minha explicação com o universo, a minha convivência com as coisas, a minha participação no real, o meu encontro com as vozes a as imagens. Por isso o poema não fala de uma vida ideal mas sim de uma vida concreta: ângulo da janela, ressonância das ruas, das cidades e dos quartos, sombra dos

muros, aparição dos rostos, silêncio, distância e brilho das estrelas, respiração da noite, perfume de tília e do orégão.

É esta relação com o universo que define o poema como poema, como obra de criação poética. Quando há apenas relação com a matéria há apenas artesanato.

É o artesanato que pede especialização, ciência, trabalho, tempo e estética. Todo o poeta, todo o artista é artesão de uma linguagem. Mas o artesanato das artes poéticas não nasce de si mesmo, isto é, da relação com a matéria, como nas artes artesanais. O artesanato das artes poéticas nasce da própria poesia à qual está consubstancialmente unido. Se um poeta diz ‘obscuro’, ‘amplo’, ‘barco’, ‘pedra’, é porque estas palavras nomeiam a sua visão do mundo, a sua ligação com as coisas. Não foram palavras escolhidas esteticamente pela sua beleza, foram escolhidas pela sua realidade, pela sua necessidade, pelo seu poder poético de estabelecer uma aliança. E é da obstinação sem tréguas que a poesia exige que nasce o ‘obstinado rigor’ do poema.

O verso é denso, tenso como um arco, exactamente dito, porque os dias foram densos, tenso como arcos, exactamente vividos. O equilíbrio das palavras entre si é o equilíbrio dos momentos entre si.

E no quadro sensível do poema vejo para onde vou, reconheço o meu caminho, o meu reino, a minha vida.”

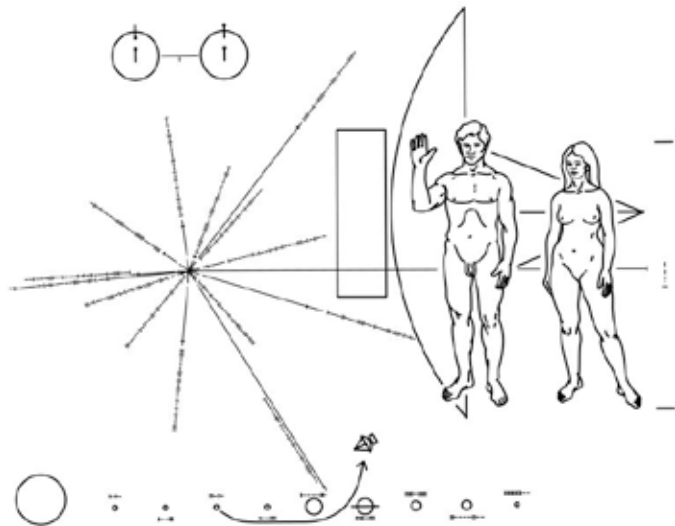
SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN  
*GEOGRAFIA*, LISBOA, CAMINHO, 2004

“[...] o todo, no seu mistério, não pode ser abarcado pela razão humana, essencialmente limitada. O autêntico pensar é o que se situa modestamente diante do fundo sem fundo do ser e, em vez de tentar dominá-lo, acolhe na gratidão as suas manifestações. Uma vez que a revelação da verdade depende propriamente da iniciativa do próprio ser.”

EXCERTO DE ENTREVISTA COM  
GIANNI VATTIMO SOBRE HEIDEGGER  
*IHU* DE 3 DE JUNHO DE 2006



© Richard Long



“[...] P – Se por difícil entende o não habitual, que consiste no facto de nos desabituar-mos da vontade.  
 E – Da vontade, diz você, e não apenas do querer... e exprime você com tanta serenidade uma pretensão tão polémica.  
 P – Se já tivesse a devida serenidade, em breve estaria dispensado da referida desabitação.  
 E – Na medida em que pelo menos nos podemos desabituar do querer, ajudamos a despertar a serenidade.  
 P – Ou antes, ajudamos a mantermo-nos despertados para a serenidade.  
 E – Por que não ajudar a despertar?  
 P – Porque o despertar da serenidade em nós não parte de nós próprios.  
 E – A serenidade é, portanto, provocada por outros meios.  
 P – Não é provocada, mas sim permitida.  
 Com efeito, ainda não sei o que significa

a palavra serenidade; mas suponho vagamente que ela desperta quando ao nosso ser [*Wesen*] lhe é permitido aceder [*zugelassen ist, sich auf das einzulassen*] a algo que não é um querer.  
 Fala sempre de um deixar [*Lassen*], de tal modo que dá a impressão de se referir a uma espécie de passividade. Não obstante, julgo saber que não se trata de modo algum de um deixar deslizar e deixar à deriva [*Kraftloses Gleiten- und Treibenlassen*] as coisas.  
 Talvez se oculte na serenidade [*Gelassenheit*] uma acção mais elevada do que todas as acções do mundo e do que todos os feitos da humanidade...”

MARTIN HEIDEGGER  
 SERENIDADE (TRAD. MARIA  
 MADALENA ANDRADE E OLGA  
 SANTOS), LISBOA, INSTITUTO PIAGET

# Off the White

de Paula Diogo e Alexander Kelly

## OFF THE WHITE

A prancha branca era a mais alta das três pranchas que existiam nos Walsall Gala Baths nos anos 80; foram pintadas de vermelho, branco e azul em 1977 – Ano do Jubileu.

A prancha branca era tão alta que era preciso uma autorização para se poder saltar dela. E tinhas de mergulhar – não estavas autorizado a saltar simplesmente. Ainda assim, às vezes era difícil resistir. Saltar era mais divertido, só para ter aquela sensação na barriga.

## OFF THE WHITE

Um blind date teatral. Uma extensa correspondência por e-mail e telefone. Alguns jantares e encontros. O início de uma linguagem partilhada. Temos um interesse por bancos. Uma ideia de que estes representam quebras no tempo e no espaço: pausas. *We have friendship.*

## OFF THE WHITE

Damos as mãos. E saltamos.

## OFF THE WHITE

The white board was the highest of the three high diving boards in Walsall Gala Baths in the 1980s; they had been painted red white and blue in 1977 – Jubilee Year.

The white board was so high you needed to get permission to dive off it. And you had to dive – you were not allowed to jump. Sometimes though, it was hard to resist. Jumping was just more fun, just to get that feeling in your stomach.

## OFF THE WHITE

A theatrical blind date. A long correspondence by email and by phone. A few meals and meetings. The beginnings of a shared language. We have an interest in benches, an idea that they are gaps in time and space; pauses. We have friendship.

## OFF THE WHITE

We hold hands. And we jump.



“Na realidade concreta do mundo de hoje, os lugares e os espaços, os lugares e os não-lugares, emaranham-se, interpenetram-se. A possibilidade do não-lugar nunca está ausente seja de que lugar for. O regresso ao lugar é o recurso de quem frequenta os não-lugares (e sonha por exemplo com uma residência secundária enraizada nas profundidades de um solo natal). Lugares e não-lugares opõem-se (ou chamam-se) como as palavras e as noções que permitem descrevê-los. Mas as palavras na moda – as que há cerca de trinta anos não tinham direito de existência – são as dos não-lugares. Assim podemos opor as realidades do *trânsito* (os campos de trânsito ou os passageiros em trânsito) às da residência ou da morada, o *viaduto* (onde não nos cruzamos) à *encruzilhada* (onde nos encontramos), o *passageiro* (que o seu destino define) ao *viajante* (que deambula pelo caminho) [...], a *urbanização de conjunto* (*ensemble*: ‘grupo de habitações novas’, segundo o Larousse), onde não vivemos juntos e que nunca se situa no centro seja do que for (grandes urbanizações de conjunto: símbolo das zonas ditas periféricas), ao *monumento* onde se partilha e comemora, a *comunicação* (os seus códigos, as suas imagens, as suas estratégias) à *língua* (que se fala). [...]”

Tanto nas suas modalidades modestas como nas suas expressões luxuosas, a experiência do não-lugar (indissociável de uma percepção mais ou menos clara da aceleração da história e do estreitamento do planeta) é hoje uma componente essencial de toda a existência social. Daí o carácter muito particular e, todas as contas feitas, paradoxal daquilo que por vezes se considera no Ocidente

como a moda do retrair-se de cada um sobre si próprio, do ‘cocooning’: nunca as histórias individuais (devido à sua necessária relação com o espaço, com a imagem e com o consumo) foram tão apanhadas na história geral, na história sem mais. A partir de então, todas as atitudes individuais são concebíveis: a fuga (para “casa”, para alhures), o medo (de si próprio, dos outros), mas também a intensidade da experiência (a performance) ou a revolta (contra os valores estabelecidos). Já não há análise social que possa fazer economia dos indivíduos, nem análise dos indivíduos que possa ignorar os espaços por onde aqueles transitam.

Um dia talvez de um outro planeta virá um sinal. E, por um efeito de solidariedade cujos mecanismos o etnólogo estudou a pequena escala, o conjunto do espaço terrestre tornar-se-á um lugar. Ser terreno significará alguma coisa. Até lá, não é certo que as ameaças que pesam sobre o meio ambiente bastem para tanto. É no anonimato do não-lugar que se experimenta solitariamente a comunidade dos destinos humanos.

Haverá portanto amanhã campo, talvez haja já hoje campo, apesar da contradição aparente dos termos, para uma etnologia da solidão.”

MARC AUGÉ

*NÃO LUGARES - INTRODUÇÃO A UMA ANTROPOLOGIA DA SOBREMERNIDADE*, 90 GRAUS EDITORA, 2005

# Hunting Scene

de Cláudia Gaiolas e Daniel Worm d'Assumpção

A partir de textos de Thomas More, Edgar Allan Poe,  
Alberto Manguel e Gianni Guadalupi

“A ilha tem de largura, na parte média e mais larga, duzentas milhas. Essa largura é a de quase toda a ilha, diminuindo gradualmente do centro para as duas extremidades, de modo a formar um semicírculo de quinhentas milhas, que dá à ilha a forma de um crescente. Entre as duas extremidades, separando-as numa distância de onze milhas, aproximadamente, entra o mar, que enche a larga reentrância, protegido dos ventos pela costa que o rodeia e lhe dá a aparência de um grande lago tranquilo, sem grandes vagas.

A cidade fica na encosta de um monte de inclinação suave e tem forma quase quadrangular. Começa pouco abaixo do cume do monte e prolonga-se pelo espaço de duas milhas até ao rio Anidro. A sua largura, junto ao rio, aumenta um pouco. O rio tem origem numa pequena nascente vinte e duas milhas acima da cidade. Engrossado por pequenos ribeiros e rios, dois deles de tamanho médio, alcança a largura de meia milha em frente da cidade, alargando sempre a partir daí e desaguando no oceano.

A cidade é rodeada por uma alta e espessa muralha de pedra, enxameada de torres e fortes. Um fosso seco, profundo e largo, cheio de sebes e silvados, rodeia por três lados a muralha da cidade. O quarto lado tem por fosso o próprio rio.



As ruas são atraentes e foram convenientemente dispostas e orientadas, quer para as necessidades de transporte, quer como protecção contra o vento. As casas são belas e bem construídas, formando duas filas contínuas ao longo das ruas, cuja largura é de vinte pés. Nas traseiras das casas, e entre elas, existem vastos jardins. Cada casa tem duas portas, uma

para a rua e outra para o jardim. Estas portas não têm fechadura ou cadeado, bastando um leve empurrão para as abrir ou fechar. Qualquer pessoa aí pode entrar, pois nada há dentro das casas que seja pertença individual de algum indivíduo. De dez em dez anos, mudam de casa, tirando à sorte a que lhes cabe. Têm grandes cuidados com os jardins, em que cultivam a vinha e árvores de fruto, flores e plantas de tida a espécie. Tornam-nos tão agradáveis, tratam-nos com tanta habilidade e gosto que nunca vi em qualquer outro lugar jardins tão belos e cuidados.”

ALBERTO MANGUEL E GIANNI  
GUADALUPI  
*THE DICTIONARY OF IMAGINARY PLACES*

“É verdade! – nervosa – muito, muito, verdadeiramente nervosa. Tenho estado e estou. Aquilo aguçou-me os sentidos – não os destruiu, não os enfraqueceu. Acima de tudo a audição ficou mais apurada. Eu ouvia todas as coisas no céu e na terra. Eu ouvia muitas coisas no inferno. Ouçam! E observem o quão saudável e calmamente eu vos posso contar toda a história.”

EDGAR ALLAN POE  
*TALES OF MYSTERY AND IMAGINATION*

---

## Biografias

---

**Sofia Ferrão** nasceu em 1971. Fotógrafa Documental de Arte no Arquivo Nacional de Fotografia de 1989 a 1995. Membro co-fundador do Teatro Praga desde 1995. Bacharelato em Estudos Teatrais da Escola Superior de Teatro e Cinema. Curso de Encenação promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

**Cláudia Gaiolas** nasceu em Lisboa em 1976. Tem o Bacharelato de Formação de Actores e Encenadores pela ESTC (Escola Superior de Teatro e Cinema). É co-fundadora do Teatro Praga e da Sub-Urbe. Como intérprete participou em criações do Teatro da Garagem, Mundo Perfeito, Mala Voadora, Truta, O Teatrão. Trabalhou ainda com Madalena Victorino, Agnès Limbos, Jean-Pierre Larroche e André Murraças. Trabalhou em televisão em programas como *Zapping*.

**Paula Diogo** nasceu em Lisboa em 1977. Bacharelato pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Co-fundadora do colectivo Teatro Praga em 1995 e da Produtora Pato Profissional Lda em 2003, desenvolve um trabalho regular nas duas estruturas como criadora e produtora. Trabalhou até à data com os seguintes criadores e companhias: Antonio Catalano, Madalena Victorino,

Nuno Carinhas, Rogério de Carvalho, Lúcia Sigalho, Letizia Quintavala e Flavia Armenzoni, Antonio Latella, ASSÉDIO, Teatro Meridional, Teatro da Garagem, Artistas Unidos, Truta, Cão Solteiro. Em 2004 recebeu o prémio Teatro na Década – Melhor Actriz do Clube Português de Artes e Ideias pelo espectáculo *Private Lives*, uma co-criação do Teatro Praga. Em 2006 frequenta a École des Maîtres – Projecto Thierry Salmon. Em 2006 foi bolsista do Centro Nacional de Cultura e participou como artista convidada no COLINA Collaboration in Arts, em Aarhus na Dinamarca. Em 2007 frequenta o Curso de Encenação de Teatro, Programa Gulbenkian de Criatividade e Criação Artística da Fundação Gulbenkian, em colaboração com a Companhia Third Angel.

### Alexander Kelly

Nasceu em Bloxwich a 27 de Abril de 1969. Director Artístico da Companhia Third Angel sediada em Sheffield, *deviser*, director, escritor, *designer* e *performer*. O trabalho da Companhia inclui: *live performance*, instalação, filme, vídeo e fotografia, com digressões pela Inglaterra e Europa. Em 2001, 2005 e 2007 a Companhia foi convidada a apresentar os espectáculos *Where From Here*, *The Lad Lit Project* e *Presumption* no British Council's Edinburgh Showcase. As duas últimas *performances* dos Third Angel, *Presumption* e *9 Billion Miles From Home*, ambas com co-design de Alex, estão neste momento em digressão. Como parte da colaboração 'Christopher Hall

and Alexander Kelly', Alex desenvolve projectos de cinema, vídeo e *performance* de natureza mais obsessiva, numa estreita relação de camaradagem. Em Outubro de 2006 Sheffield's Site Gallery e o Off The Shelf Festival apresentaram as instalações de vídeo de Alex e Chris: *23 Postcards From America* e *All Of The Chapter Titles From The Unwritten Book Of My Life Story*. Com grande experiência na área da formação, Alex foi também professor do Curso de Encenação de Teatro do Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística da Fundação (04/07), em colaboração com a Companhia Third Angel. Actualmente é Artist in Residence/Associate Senior Lecturer na School of Film, TV and Performance da Universidade Metropolitana de Leeds. [www.thirdangel.co.uk](http://www.thirdangel.co.uk)

**Daniel Worm d'Assumpção** nasceu em Lisboa em 1964. Tem desenvolvido uma vasta actividade na área da iluminação de cena, tendo trabalhado com diversos grupos e instituições nacionais e internacionais como o Teatro da Cornucópia, Teatro de la Abadia, Fundação Gulbenkian, Teatro Nacional S. Carlos, Centro Cultural de Belém, Teatro Nacional S. João, etc. É com frequência requisitado para colaborar com criadores das áreas do teatro e da dança. Em 1999 concebe a *Trilogia Monocromática*, que apresenta no Teatro da Cornucópia. Desde 2003 colabora regularmente com o Teatro Praga.

**Nuno Carinhas** Encenador, cenógrafo e figurinista, nos domínios do teatro e da dança. Nasceu em Lisboa em 1954. Tem vindo a trabalhar com um conjunto muito variado de criadores. A partir de 1996 e com a encenação de O Grande Teatro do Mundo, de Calderón, no Teatro Nacional S. João, Nuno Carinhas intensifica a sua valência, passando a dividir a sua existência criativa entre as cidades de Lisboa (Chapitô, TNDMII, Cão Solteiro, Escola de Mulheres) e do Porto (TNSJ, Teatro Bruto, Ensemble, ASSÉDIO, entre outras).

**Carlos Alves** Actor. Nasceu em Lisboa em 1978. Concluiu a sua formação na Escola Superior de Teatro e Cinema em 2000. Desenvolveu a maior parte do seu trabalho com o Teatro Praga, onde participou em diversos espectáculos como co-autor e intérprete. A par do trabalho de actor também participou como formador em *workshops* e leccionou a disciplina de Expressão Dramática. É desde 2006 aluno do Quíron onde estuda Astrologia numa vertente transpessoal e humanista, a par da sua actividade teatral.

## O Teatro Praga

Ao longo dos seus 10 anos de existência, o Teatro Praga tem vindo a vincar o seu discurso performático, através de propostas que pensam a estrutura de um espectáculo. Não somente como modelo de questionamento acerca da prática teatral, mas também, e sobretudo, como programa de recusa. Ao longo das produções, o colectivo tem oferecido um discurso feito de perguntas, dúvidas e confrontos, construindo, desse modo, um corpo não só artístico, mas também (auto)crítico.

TIAGO BARTOLOMEU COSTA  
SINAIS DE CENA N.º 4

[É] assinalável a consistência programática com que o projecto revolucionário do Teatro Praga continua a desestabilizar preconceitos estéticos.

MIGUEL-PEDRO QUADRIO  
DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 24 DE DEZEMBRO DE 2006

O Teatro Praga tem gerado entusiasmo no que diz respeito à sua abordagem à prática teatral, que se tem reflectido em diversas apresentações e co-produções com as mais visíveis e prestigiadas estruturas culturais (Festival Alcantara, Culturgest, Teatro Nacional D. Maria II, ZDB, Espaço do Tempo, Teatro Viriato, CENTA, Transforma AC, Casa dos Dias da Água), em colaborações com diversos criadores das mais diversas áreas artís-

ticas (Catarina Campino, Daniel Worm d'Assumpção, José Maria Vieira Mendes, Vasco Araújo, Javier Núñez Gasco, Filipe Melo, Nélon Guerreiro, Mariana Sá Nogueira) e em prémios de reconhecido valor (Menção Especial do prémio ACARTE 2003, prémios execução e reposição Teatro na Década 2003 do Clube Português de Artes e Ideias).

Para além de diversas apresentações por todo o território português o Teatro Praga tem-se apresentado em festivais e eventos em Itália, Reino Unido, Alemanha, França, Estónia e Dinamarca.

É, no entanto, difícil definir um modelo para esta companhia: o Teatro Praga não escolhe com predeterminação um estilo teatral, não possui qualquer manifesto estético e não se coaduna com rótulos ou géneros artísticos (interculturais, visuais...). Recusando trabalhar de forma “mecanizada” e continuando a basear a sua aproximação ao teatro *hic et nunc* (aqui e agora), os membros deste grupo criam uma prática teatral impassível de ser repetida. Assim, o teatro do Teatro Praga é sempre diferente, em constante desenvolvimento, sujeito a mudanças imprevistas.

O grupo trabalha sem encenador e a responsabilidade individual de cada interveniente determina a estrutura dos espectáculos: todos os envolvidos (desde actores a técnicos) tomam para si a responsabilidade de todos os actos criativos, desde a selecção de textos à operação das luzes, acreditando que este envolvimento pessoal se reflectirá nos próprios espectáculos.

[www.teatropraga.com](http://www.teatropraga.com)  
[www.teatropraga.blogspot.com](http://www.teatropraga.blogspot.com)

PRÓXIMO ESPECTÁCULO  
JAZZ SÁB 29 SETEMBRO

## Bernardo Sassetti Trio

10 Anos

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M/6

Piano Bernardo Sassetti Bateria Alexandre Frazão Contrabaixo Carlos Barretto

O Bernardo Sassetti Trio é, salvo erro, a formação mais estável do jazz português em actividade. Neste concerto, comemora o seu décimo aniversário.

Bernardo Sassetti, Carlos Barretto e Alexandre Frazão têm cada um deles múltiplos projectos separados e são certamente dos mais talentosos músicos de jazz do nosso país. Começaram a tocar juntos em agrupamentos diversos com outros músicos, muito antes de formarem o trio. Aprenderam a três o que Sassetti descreve como “uma consciência colectiva do tempo e do espaço”. O que mostram saber quanto ao lugar que ocupam na cena do jazz, foi construído de raiz ao longo dos anos e não adaptado de outras experiências.

Diz-se, por vezes, que a improvisação é telepática – os músicos interagem uns com os outros como se entre as suas mentes houvesse uma comunicação invisível, o que causa sempre alguma estranheza a quem não é músico ou, mesmo quando se é músico, se não tem



o hábito da improvisação em conjunto. A verdade é que neste trio o entendimento é tão forte que cada um consegue prever os caminhos que os outros vão seguir e assim preparar-se para a justa resposta imediata.

Sassetti já teve a ocasião de manifestar a sua admiração pela irrequietude e pela espontaneidade de Carlos Barretto, “sempre à procura do possível e também do improvável” e pela incapacidade de ser vulgar ou banal de Alexandre Frazão. O profundo conhecimento que cada um tem dos outros dois parceiros, do modo como funcionam, e da sua qualidade musical, da sua personalidade, não poderia resultar num jazz estéril e inerte, sem direito à surpresa. Aliás, já não se trata apenas de uma questão de “mecânicas” – Barretto, por exemplo, está sempre à procura que a música atinja proporções “astrológicas”. E não é que conseguem mesmo?

RUI EDUARDO PAES

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

# CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

INFORMAÇÕES 21 790 51 55  
WWW.CULTURGEST.PT  
Edifício Sede da CGD  
Rua Arco do Cego  
1000-300 Lisboa

## CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO PRESIDENTE

Manuel José Vaz  
VICE-PRESIDENTE  
Miguel Lobo Antunes  
VOGAL  
Luís dos Santos Ferro

## ASSESSORES

DANÇA  
Gil Mendo  
TEATRO  
Francisco Frazão  
ARTE CONTEMPORÂNEA  
Miguel Wandschneider  
SERVIÇO EDUCATIVO  
Raquel Ribeiro dos Santos

## DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO

Margarida Mota

## PRODUÇÃO E SECRETARIADO

Patrícia Blázquez  
Mariana Cardoso de Lemos  
Jorge Epifânio

## EXPOSIÇÕES

PRODUÇÃO E MONTAGEM  
António Sequeira Lopes  
PRODUÇÃO  
Paula Tavares dos Santos  
MONTAGEM  
Fernando Teixeira  
CULTURGEST PORTO  
Susana Sameiro

## COMUNICAÇÃO

Filipe Folhadela Moreira  
Joana Gonçalves  
Judite Jóia

## PUBLICAÇÕES

Marta Cardoso  
Rosário Sousa Machado

## ACTIVIDADES COMERCIAIS

Catarina Carmona

## SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS E FINANCEIROS

Cristina Ribeiro  
Paulo Silva

## DIRECÇÃO TÉCNICA

Eugénio Sena

## DIRECÇÃO DE CENA E LUZES

Horácio Fernandes

## ASSISTENTE DE DIRECÇÃO CENOTÉCNICA

José Manuel Rodrigues

## AUDIOVISUAIS

Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM  
Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO  
Tiago Bernardo

## ILUMINAÇÃO DE CENA

Fernando Ricardo CHEFE  
Nuno Alves

## MAQUINARIA DE CENA

José Luís Pereira CHEFE  
Alcino Ferreira

## TÉCNICO AUXILIAR

Álvaro Coelho

## FRENTE DE CASA

Rute Moraes Bastos

## BILHETEIRA

Manuela Fialho  
Edgar Andrade

## RECEPÇÃO

Teresa Figueiredo  
Sofia Fernandes

## AUXILIAR ADMINISTRATIVO

Nuno Cunha

grupo  
  
Caixa Geral  
de Depósitos

  
Museu da Electricidade  
  
dgARTES  
GALERIA FEDERAL  
DAS ARTES

  
CENTRO  
CULTURAL  
de Beirós

  
o espaço do tempo  
centro de actividades teatrais e de arte

  
TEATRO  
PÓVOA

  
HOSPITAL  
AMAL BONAFORÇA

  
libboo

  
BRITISH  
COUNCIL

  
DVIR

  
CAPa

  
DATA  
DISPLAY

  
MISS SUZIE  
WWW.MISS-SUZIE.COM